



RICARDO AZEVEDO

**Você me chamou de feio,
sou feio mas sou dengoso!**

ILUSTRAÇÕES: EVA FURNARI

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

—● Leitor fluente

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



**Você me chamou de feio,
sou feio mas sou dengoso!**

RICARDO AZEVEDO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Faap e doutor em Letras, na área de Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo. Casado, pai de três filhos, gosta de ler, ouvir música e conversar com os amigos.

Começou a produzir livros infantis em 1980, com *O peixe que podia cantar*, e até o ano de 2005 já publicou mais de cem títulos. Destaca-se em seu trabalho a pesquisa em literatura popular, que resultou em publicações como *Meu livro do folclore*, além de sua saborosa produção poética para crianças, como *Dezenove poemas desengonçados*.

A respeito da literatura diz: *Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades, a busca do autoconhecimento, coisas banais que fazem parte do dia-a-dia de todas as pessoas. Para mim,*

a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo.



RESENHA

O livro de Ricardo Azevedo é uma fonte bastante fértil de brincadeiras e de jogos que se constroem a partir das palavras, entrecruzando diferentes gêneros como poesia, conto, receitas, adivinhas e ditos populares num todo variado e divertido, que certamente dará muito prazer aos pequenos leitores.

A unidade da obra não se dá pela seleção temática ou pelo tratamento formal da linguagem, mas pelo espírito leve e brejeiro que privilegia jogos de imagens e de sonoridades ao sentido literal das palavras. O próprio título, muito mais do que indiciador do conteúdo do livro, é uma provocação, um convite à brincadeira, à despreensão.

As divertidas ilustrações de Eva Furnari harmonizam perfeitamente com o espírito do texto: divertidas e originais, mais do que sublinhar ou explicitar o conteúdo textual, constroem outras possibilidades de jogo, ampliando os efeitos de humor e as brincadeiras com as palavras, mostrando que o trabalho do ilustrador pode ultrapassar, e muito, o do mero floreio e ornamento.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Embora esse livro reúna textos dos mais diferentes gêneros, todos eles guardam um aspecto em comum: a maior parte deles tem origem na tradição popular. Os elaborados pelo próprio Ricardo absorvem elementos dessa tradição e dialogam com ela, conservando seu aspecto lúdico.

Em tempos como os nossos, em que a tecnologia transformou a relação da criança com a brincadeira, pode ser muito interessante propor, para além dos *games* e dos brinquedos eletrônicos, brincadeiras que se constroem de modo muito mais simples, na relação das crianças com a sonoridade das palavras e com as imagens que elas propõem. Jogos como esses estimulam a imaginação, que é ativada pela narrativa dos contos ou pelo desafio de uma adivinha, além de incitarem as crianças a descobrir novas possibilidades de interpretação escondidas sob o sentido literal das palavras.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor fluente



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. O título do livro é diferente dos títulos aos quais as crianças estão acostumadas: é uma provocação. Estimule os alunos a traçam hipóteses sobre o conteúdo do livro. Será que o livro é triste ou engraçado?

2. Leia com os alunos o sumário do livro. Pelo menos uma história do livro cujo título está no sumário muitos devem conhecer: “João e o pé de feijão”. Estimule as crianças a compartilhar o que se lembram dessa história.

3. Os títulos “Adivinhe se puder” e “Outras adivinhas” já denunciam que o livro provavelmente vai conter brincadeiras de adivinhação. Quem se lembra de alguma adivinha?

4. Como o livro possui seções independentes, ele dá bastante liberdade para que o professor trabalhe com o material da maneira que desejar, sem respeitar, necessariamente, a ordem em que as seções se apresentam na edição. Pode ser interessante criar uma rotina diária de leitura em classe, escolhendo, por exemplo, trovas e adivinhas para ler no início do trabalho e fechar o dia com a leitura de um conto.

Durante a leitura:

1. Como muitos dos textos levam em conta a sonoridade das palavras, enquanto outros, como as adivinhas, implicam uma participação do leitor / ouvinte na decifração, sugerimos que a leitura do livro seja feita em voz alta. Ler em voz alta é mais do que simplesmente enunciar aquilo que está escrito; é utilizar nossa voz e nossa presença para criar imagens a partir das palavras impressas no papel. Para tanto, é fundamental que o professor prepare antes sua leitura, assim como um ator prepara o texto que vai ser dito em cena.

2. No caso dos textos mais curtos, como as trovas e os ditados populares, o professor pode optar por transferir a função de ler em voz alta para as crianças. É importante, porém, permitir que possam prepará-la para que a leitura em voz alta resulte fluente e expressiva.

3. No momento de leitura das adivinhas, desafie as crianças a tentar decifrá-las.

4. Durante a leitura dos ditados populares, estimule-os a explicar o que quer dizer cada um deles. Ajude-os nessa tarefa, guiando-os e dando dicas, porém deixe que levantem diversas hipóteses antes de esclarecer seu sentido.

5. Durante toda a leitura, chame a atenção para as divertidas ilustrações de Eva Furnari, que contribuem, e muito, para criar efeitos de humor e enriquecer a compreensão dos textos.

Depois da leitura:

1. Convide algumas crianças para contar, à sua maneira, alguns dos contos lidos. Fique atento às passagens que valorizam ao recontar as histórias.

2. A **adivinha** envolve uma charada a ser decifrada. O texto contém muitas analogias, exigindo que o leitor desvende o que está escondido nas comparações e metáforas. As adivinhas do livro são introduzidas pelo mote *O que é?, O que é?* e assumem a forma de uma quadrinha rimada que facilita a memorização.

Que tal realizar um “Concurso de adivinhação”? Organize a classe em duplas, que terão a tarefa de pesquisar um número determinado de novas adivinhas para desafiar as outras e, é claro, resolver o problema proposto pelas duplas adversárias.

3. Os **ditados populares** ou **provérbios** expressam de maneira figurada crenças e valores de um determinado grupo social. Em geral, são formados por duas partes que se contrastam. Levando em conta a estrutura binária dos ditos populares, separe-os em duas partes, embaralhe-as e apresente às crianças a tarefa de recompô-los de acordo com o original:

EM TERRA DE CEGO	DISSO CUIDA
NÃO HÁ TEMPERO	SEUS MALES ESPANTA
FALAR É FÁCIL	É QUEM FELIZ SE JULGA
PELO CANTO	TÃO BOM QUANTO A FOME
POR FORA, BELA VIOLA	FAZER É QUE SÃO ELAS
QUEM DISSO USA	QUEM TEM OLHO É REI
FELIZ	SE CONHECE A AVE

QUEM CANTA

POR DENTRO, PÃO BOLORENTO

Se o professor desejar, pode acrescentar às frases acima alguns dos outros ditados pesquisados pelos alunos.

4. Os contos “As laranjas mágicas” e “João e o pé de feijão” possuem uma estrutura de contos de fada: o caráter humilde do protagonista, que durante o conto passa por uma trajetória de amadurecimento; a ajuda que recebe ao encontrar personagens misteriosas que lhe ofertam objetos com propriedades mágicas, que acabam por lhes ser úteis; e a realização e a fortuna no final da história. Peça aos alunos que identifiquem as principais semelhanças e diferenças entre os dois contos e depois procurem se lembrar de histórias que conhecem que brincam com elementos semelhantes, como “Aladin e a lâmpada maravilhosa” e “Cinderela”, por exemplo.

5. Os contos “Dois viajantes numa noite escura” e “Buraco na parede”, por seus efeitos de humor, predomínio de diálogos e curta extensão, remetem à estrutura das piadas, narrativas curtas que fazem parte da vida cotidiana e que têm como principal finalidade obter o riso. Proponha aos alunos que pesquisem algumas piadas e escolham a mais engraçada para contar para a classe.

Contar uma piada estimula os alunos a brincarem com o ritmo, o suspense e a vivacidade da narrativa: é preciso brincar com as palavras para que o humor surta efeito. É preciso atentar, porém, para o fato de que as piadas, muitas vezes, reproduzem preconceitos: em geral, é do excluído que se ri. A piada pode ser ofensiva. Se alguma piada de conteúdo preconceituoso surgir, discuta o problema — do que é que se ri, em cada caso?

6. As **quadras** ou **trovas** são pequenos poemas compostos de quatro versos, que, em geral, têm sete sílabas poéticas e apresentam rimas entre o segundo e o quarto versos. Quase sempre se dividem em duas metades, em função da temática desenvolvida ou da estrutura oracional. Exploram, entre outros motivos, o amor, a infância, a natureza, o humor. Releia algumas das trovas com os alunos, explicando como se organiza sua estrutura — não é necessário, porém, abordar sua metrificação de forma explícita. A seguir, proponha que eles, em duplas, escrevam uma trova de sua autoria, sobre o tema que desejarem.

7. Para compreender como se lida com uma receita, nada melhor do que preparar uma delas. Organize a turma em grupos, cada um ficando responsável por uma das receitas do livro, e combine um dia para realizar um lanche comunitário, no qual todos vão poder saborear os deliciosos pratos. Sugira que se organizem para preparar os pratos na casa de algum colega em um dia que um adulto possa ajudá-los no que precisarem.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *Meu livro do folclore* — São Paulo, Ática
- *Armazém do folclore* — São Paulo, Ática
- *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* — São Paulo, Ática
- *Contos de bichos do mato* — São Paulo, Ática
- *Contos de enganar a morte* — São Paulo, Ática

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Enrosca ou desenrosca?* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Salada, saladinha* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Diga um verso bem bonito!* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Sete histórias para sacudir o esqueleto* — Angela-Lago, São Paulo, Cia. das Letrinhas
- *João Felizardo* — Angela-Lago, São Paulo, Cosac & Naify